

200 anos de Camilo Castelo Branco: uma conversa sobre a literatura camiliana com Tânia Furtado Moreira

Tânia Furtado Moreira (Universidade do Porto)

Entrevistadoras

Bruna de Oliveira Sales (UERJ/CAPES)

Carla Oliveira (UERJ)

Marina Otero (UERJ)

Tatiane Ludegards (UERJ)

Na entrevista internacional para o número “Miscelânea”, a *Palimpsesto* – revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ – teve a honra de conversar com a professora, pesquisadora e empreendedora portuguesa Tânia Furtado Moreira. Professora de música e literatura da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Tânia é uma especialista reconhecida nas obras do escritor português Camilo Castelo Branco e escreveu *O sublime em “Amor de Perdição”, de Camilo Castelo Branco*.

Nesta entrevista, concedida a Bruna Sales, Carla Oliveira, Marina Otero e Tatiane Ludegards, tivemos a oportunidade de conversar sobre Camilo Castelo Branco sob diversas perspectivas: a estética da fealdade, os diálogos que Camilo estabelece com a contemporaneidade, dicas sobre a vida acadêmica, entre outros assuntos.

Com infinita alegria, agradecemos imensamente à professora pela disponibilidade em nos conceder esta entrevista. Aos leitores, esperamos que este material seja de grande impacto para suas pesquisas e estudos!

PALIMPSESTO

1) Em setembro de 2023, a senhora esteve no Brasil para um ciclo de aulas. Retomando os temas desenvolvidos à época, como podemos pensar na criação de uma estética da fealdade a partir da obra de Camilo Castelo Branco?

TÂNIA FURTADO MOREIRA

Belo ponto de partida para a nossa conversa! (sorriso) Trata-se, de facto, de um ponto essencial para se compreender o contributo distintivo de Camilo Castelo Branco no âmbito do Romantismo e das Letras de língua portuguesa desde Oitocentos.

No sentido de esclarecermos esse contributo, precisamos necessariamente de recuar no tempo, até à matriz da reflexão estética no seio da formação da Filosofia grega. Foi o par Sócrates-Platão quem, a contragosto, criou os fundamentos do conhecimento sensível, que só viria a ser filosoficamente reconhecido no século XVIII, por ironia às mãos de um leibniziano, o alemão Baumgarten, com o patrocínio da intensiva investigação dos Empiristas, sobretudo anglo-saxónicos (mas também de alguns franceses importantes, como Condillac). Esse reconhecimento filosófico ancora-se na poética, como de resto acontece em Platão. Todavia, é ainda um reconhecimento insuficiente, visto que Baumgarten, apesar do mérito de ter cunhado o termo *estética* e de com ele ter aberto uma nova área filosófica, considera-a, contudo, uma gnoseologia de tipo inferior. A verdade é que, ainda hoje, somos herdeiros deste ADN metafísico e racionalista, mesmo no campo das artes.

A partir do século XVIII, com a mudança da perceção da ontologia da obra e do criador, assinala-se uma alteração progressiva que, sem menosprezo de autores prévios, podemos estabelecer entre 1712, com os ensaios de Joseph Addison saídos no *The Spectator*, e 1790, com a publicação da *Crítica da Faculdade do Juízo* por Immanuel Kant, monumento central para a legitimação da estética, que é, logo a partir de Kant, concebida como uma fenomenologia.

Ora, quando, em 1827, Victor Hugo lança a peça *Cromwell*, o seu prefácio transforma-se num instante em manifesto estético do Romantismo francês, referencial para a cultura portuguesa da época. Aí, Victor Hugo trabalha com as categorias do grotesco e do sublime, ou seja, está a afastar-se da tradição que vigorara até ao ocaso do Classicismo. Dá-se o canto do cisne do monismo do Belo que predominara até ao século XVIII, altura em que começa a ser encarado em contraponto a outras categorias: o grandioso e o incomum, em Addison; e sobretudo o sublime, em Burke, nas suas *Investigações* de 1757, e depois em Kant, na primeira estética sistemática. De facto, o binómio belo-sublime é dinamitado pelo autor dos *Miseráveis* e passamos a ter uma proliferação de categorias estéticas que são derivas da legitimação do Feio. E não é só na França. Por toda a Europa há um espírito do tempo que o confirma: veja-se as *Palestras sobre Estética* de Karl Ferdinand Solger, de 1829, ou o capital estudo de Karl Rosenkranz, *Estética do Feio*, de 1853. A consagração de uma série de categorias estéticas que desdobram o Feio manifesta-se na Literatura oitocentista. *Les Fleurs du Mal*, de

Baudelaire, são, 100 anos depois do ensaio de Burke, a manifestação maior dessa experiência feita expressão.

Dediquei uma parte breve, mas muito significativa a este assunto na minha Tese de Doutorado, pois o Feio, a partir justamente dessa nossa herança platônica, é equacionado como um correlativo estético do Mal. Ouve-se dizer que «Camilo tem umas belas páginas» — mas, em assunções como estas, o *belo* não deve ser entendido como conceito *tout court*, dado que, na verdade, é uma categoria rara na estética camiliana, onde estão muito mais disseminadas categorias do material, do orgânico e do disruptivo, mesmo nos casos que vulgarmente associamos à idealização. Veja-se, por exemplo, a descrição grotesca de Teresa no momento do seu decesso. A estética camiliana está intimamente ligada à fenomenologia do desgosto, na acepção de Carole Talon-Hugon, e essa é sem dúvida uma das marcas da sua modernidade. A consciência da morte neste universo ficcional é tal que não existe lugar para o Belo idealizado, que é, na sua matriz ontológica, incorruptível. Vê-se isso muito bem nos retratos femininos de Camilo, mas não só. Mesmo categorias como a do pícaro ou a do pitoresco decorrem desta visão materialista do mundo. Por isso, nada mais avesso a esta Obra do que uma estética da pulcritude. Não há serenidade na mundividência camiliana para isso.

PALIMPSESTO

2) Como um autor que perdurou no cânone literário, de que forma podemos pensar nos diálogos que a obra de Camilo Castelo Branco estabelece com a contemporaneidade e com as discussões que o nosso tempo promove?

TÂNIA FURTADO MOREIRA

Excelente pergunta! Os diálogos da obra de Camilo Castelo Branco com os temas do nosso tempo são tão evidentes que espanta que não haja uma ainda maior produtividade nesse sentido, embora se venha notando uma clara tendência de interesse, sobretudo aqui no Brasil. Porque a actualidade das causas camilianas, chamemos-lhes assim, é deveras extraordinária. A ecologia, o feminismo, o colonialismo, a marginalidade social, a dignidade das instituições, a liberdade individual, a tolerância religiosa, o respeito pela diferença são temas prementes no seio da produção camiliana, e não me refiro apenas ao género que mais apela ao leitor camiliano: a ficção. Também as cartas, as peças de teatro, as crónicas, as biografias, enfim, toda a escrita camiliana está permeada por estas causas que, na verdade, são manifestações do forte impulso crítico que permeia esta Obra.

PALIMPSESTO

3) Professora Tânia, sabemos que sua trajetória acadêmica é profundamente marcada pela análise das obras de Camilo Castelo Branco, especialmente no que tange à aplicação da semiótica e estética literária. Seu trabalho tem proporcionado novas perspectivas e compreensões sobre as dinâmicas narrativas e simbólicas presentes nas obras de Camilo. Dentro deste contexto, gostaríamos de perguntar de que maneira a análise semiótica aplicada aos relatos criminais de Camilo contribui para uma compreensão mais profunda das motivações das personagens e das dinâmicas do crime? Como a semiótica narrativa pode desvelar os padrões, inconsistências e elementos simbólicos nos testemunhos de vítimas ou nos relatos de testemunhas, fornecendo *insights* sobre a natureza do crime e as motivações dos personagens?

TÂNIA FURTADO MOREIRA

A Semiótica, e em particular a Semiótica Narrativa, permite-nos discernir fios invisíveis que se encontram no tecido literário e que convocam implicitamente a nossa sensibilidade. Nesse sentido, a Poética, a Semiótica e a Estética conjugam-se numa tríade muito frutuosa na abordagem dos Estudos Literários que tenho preconizado.

Quando lemos a ficção camiliana de fio a pavio, notamos que Camilo está particularmente interessado no mistério. Mas esse interesse revela-se muito mais no tal impulso crítico que referia há pouco, e que tem que ver com uma permanente postura de inquirição das condições de vida, a um tempo práticas, e a outro especulativas. Camilo é, por conseguinte, um eminente escritor filosófico, facto que continua por explorar. Por detrás das suas mil e uma intrigas e personagens — que inúmeros estudiosos, com um argumentário muito variado, consideram esquemáticas ou repetitivas —, o que Camilo Castelo Branco faz é penetrar densamente a natureza humana.

Portanto, quando me fala das motivações e dinâmicas do crime que se oferecem à análise semiótica, penso de imediato nessa postura crítica, inquiridora de Camilo. Na intimidade da sua escrita, encontramos muito mais perguntas do que respostas — donde a prevalência do mistério. E da misericórdia, também. Por isso, tem toda a razão ao mencionar as «inconsistências». As acções das personagens camilianas — mediadas, claro, pela instância narradora através da qual nos são dadas a ver — estão cheias de inconsistências. Por isso, a haver juízos, eles devem ser necessariamente precários. A análise semiótica demonstra-se, assim, muito eficaz na percepção moral dos actantes em jogo.

PALIMPSESTO

4) A dedicação da senhora à obra de Camilo Castelo Branco tem sido inspiradora para muitos estudiosos da Literatura Portuguesa. Sua abordagem semiótica e estética não só enriqueceu a compreensão das obras de Camilo, mas também abriu novas trilhas de pesquisa para a crítica literária contemporânea. Por isso, perguntamos se há alguma obra de Camilo Castelo Branco que tenha um significado pessoal especial para a senhora? Pode nos contar o motivo e como essa obra impactou sua trajetória acadêmica e pessoal? Estamos curiosas para saber se há um momento ou uma obra específica que tenha moldado sua carreira de maneira significativa.

TÂNIA FURTADO MOREIRA

Essa pergunta procura uma razão biográfica, que certamente existe. Mas antes de a dar, permita-me que realce aquela dimensão atravessada de espanto humano, que é o mesmo espanto que experimentamos diante de um mal inusitado: «Porquê?». Camilo é um escritor dos *porquês*. E esta sua profunda vocação crítica, especulativa, ainda está por estudar. O que, em certa medida, se prende com preconceitos descabidos que ainda assombram a obra camiliana. Neste ponto, comungo da acutilância de Maria Alzira Seixo quando indica uma ampla gama de intelectuais portugueses que, sem lerem Camilo ou mal o conhecendo, têm dele uma percepção muito firme, quer em termos ideológicos, quer em termos literários. A função dos investigadores que se dedicam ao estudo da sua obra deve ser, também, procurar em grande parte mitigar estas distorções voluntárias e inconscientes. Por uma razão de pedagogia? Sim, também. Mas sobretudo por uma questão de justeza e de justiça, dado que os enviesamentos constantes com assinatura de especialista trazem depois para a História Literária — que convém distinguir da História da Literatura — consequências danosas na percepção do real valor que o romancista teve para a tradição da ruptura, nos exactos termos de Octavio Paz.

Por destino ou acaso, essa foi a grande razão para me ter tornado uma investigadora assídua da Literatura de Camilo Castelo Branco. Tudo começa enquanto leitora. Quando estamos a falar de obras de arte, é pela afecção que o vínculo se inicia. Li o *Amor de Perdição* quando era aluna do ensino secundário (o vosso vestibular), numa altura em que, sendo estudante de piano em idade jovem, vivia obcecada com o repertório romântico: Chopin, Schumann, Schubert, Brahms, Beethoven,... Naquele momento, o romance de Camilo apanhou-me! Mais tarde, chegada à faculdade, os programas académicos não contemplaram o estudo de Camilo Castelo Branco, ainda que, aqui e ali, os professores de Literatura e de Cultura lhe fizessem referência. Havia, de facto, um

contra-senso: a referência a Camilo Castelo Branco parecia incontornável, mas era quase sempre feita com preconceito. Por declaração manifesta ou tão-só por meio de comentário sugestivo, apresentava-se uma imagem de um Camilo Castelo Branco reaccionário, ultra-romântico, superficial, que, por estes motivos e mais alguns, não merecia certamente o estudo, embora merecesse a incontornável referência. Apreciar Camilo Castelo Branco parecia mal, era visto como anacrónico.

Acontece que, enquanto leitora solta e irresponsável na minha própria selecção de leituras, acabei por me encontrar com os romances camilianos, uns a seguir aos outros, numa leitura apaixonante que me ia continuamente desmentindo todos os lugares-comuns que saíam da boca da academia. Tornei-me, então, muito cedo numa investigadora da Literatura Camiliana. Eis que já se passaram vinte anos, e continuo absolutamente fascinada pela Obra deste autor, que não me canso de estudar não porque seja extensíssima — a mais extensa a seguir à de António Vieira, da qual se perdeu uma parte substancial —, mas porque é altamente produtiva na sua qualidade.

E aqui voltamos de novo à dimensão do mistério. Para mim, esta Obra continua a desafiar-me imensamente. A interrogar-me. Permaneço, diante dela, com um olhar desarmado perante os enigmas que me lança, enquanto leitora, em primeiro lugar; e depois, como investigadora. Penso logo, entre outros tantos exemplos, num romance como *A Brasileira de Prazins*. Aquilo perturba-me imenso. Uma protagonista que dá título ao livro e que passa praticamente incólume ao longo de toda a narração. Não por que o romancista se tenha esquecido dela — a sua presença é permanente —, mas porque parece decidir resguardá-la do nosso ímpeto voyeurista. É muito desconcertante, e comovente ao mesmo tempo. A verdade é que não sabemos realmente quem é Marta de Prazins... O que sabemos dela é que é um mistério. E isso obriga-me a querer revisitá-la, sempre com cuidados redobrados. É um romance enorme. Óscar Lopes qualifica-o de «descosidamente excelente». E Camilo está cheio destes casos. Tão cheio...

PALIMPSESTO

5) Professora, sua carreira académica é um exemplo de dedicação tanto ao ensino quanto à pesquisa. Gostaríamos de entender melhor como a senhora enxerga a relação entre ensino e pesquisa na sua carreira académica? De que maneira suas pesquisas influenciam suas práticas de ensino, e vice-versa?

TÂNIA FURTADO MOREIRA

Todo o professor carrega em si o aluno que é. Por isso, todo o bom professor é, por necessidade, um incessante pesquisador. No caso do ensino universitário, a necessidade

da pesquisa é peremptória no sentido em que se espera que o professor contribua, através do seu trabalho, para a produção de conhecimento. Portanto, a investigação e a docência como eu os vejo não são percursos paralelos, mas actividades que se alimentam uma da outra. Se a investigação alimenta a docência, também a docência alimenta a investigação.

Diria até mais, por vezes, ambas as actividades se confundem. A aula é um lugar de problematização e de experimentação de saberes, em forma dialogada, e o seu potencial de germinar saber é constante. Ensinar é em si mesmo uma investigação. Já leccionei nos mais variados níveis de ensino, o que é uma enorme riqueza que trago comigo, e em todos os níveis testemunhei momentos de criação de conhecimento com os alunos, mesmo nos de tenra idade.

Vejo o ensino-aprendizagem como uma colaboração efervescente em que o professor, se for realmente capaz, assume o papel indutor dessa colaboração. Por isso, o espaço da aula é sagrado, o que implica uma performatividade. Os rituais continuam a ser muito importantes. Num mundo de uniformização e vulgarização, de diluição de fronteiras entre o público e o privado, o institucional e o intimista, os rituais nunca foram, na verdade, tão necessários. A interrupção de uma aula deve ser excepcional, porque é um espaço-tempo de imersão, de partilha e de criação que pede para ser preservado.

O mesmo acontece com os romances de Camilo Castelo Branco, que podem ser agarrados por inteiro numa única sessão de leitura. Isso deve-se a um dos poderes camilianos: a criação de um espaço-tempo que capta o leitor e o lança para uma série mundos possíveis. Eugénio Lisboa viu isto muito bem quando descreveu a camilomania, o fenómeno dos viciados em Camilo.

PALIMPSESTO

6) Que conselhos a senhora daria para estudantes e pesquisadores que estão começando seus estudos em Literatura Portuguesa? Quais são as competências e perspectivas mais importantes para se desenvolver nesse campo? Gostaríamos de saber quais habilidades e abordagens a senhora considera essenciais para aqueles que desejam seguir uma carreira acadêmica.

TÂNIA FURTADO MOREIRA

Escolham bem os vossos mestres. Um bom mestre quer ser desafiado pelo seu discípulo. Nesse sentido, o mestre não escolhe, é escolhido. Qualquer que seja o caminho a trilhar, com mais ou menos agruras, se tivermos ao nosso lado o orientador certo, iremos ultrapassar essas dificuldades com a garantia de uma transmutação qualitativa. Uma das coisas de que mais me orgulho na minha vida é de ter sabido escolher o meu Mestre, o

Professor Luís Adriano Carlos, a quem devo, mais do que aquilo que eu sei, aquilo que eu quero saber.

Além disso, parece-me fundamental, não só no início mas ao longo de toda uma carreira académica, não perdermos nunca um olhar desarmado sobre o objecto de estudo, que é sempre fenómeno, nunca númeno. Esta atitude implica uma disponibilidade para para o que quer que aconteça no evento. Uma total disponibilidade para aprender que as vicissitudes carreiristas de hoje em dia tendem, lamentavelmente, a delapidar. Mas valham-nos sempre os melhores exemplos. Tenho a sorte de conviver e de ter conversas muito ricas com colegas, alguns já aposentados, que têm a chama do conhecimento muito viva no seu olhar. É com esses que importa seguir, fazer caminho. O entusiasmo, para mim, é um factor de critério indispensável na Academia. Um professor-investigador que não é movido nas entranhas pela alegria do conhecimento — alegria que coincide muitas vezes com a angústia da incerteza — não está decerto talhado para aquela missão. Isto conduz-me a um terceiro conselho, colhido na metodologia cartesiana.

A dúvida metódica é um compromisso de disciplina e de rigor que todo o estudante deve seguir. Partir de um lugar sem preconceitos e, a partir dele, fazer caminho com método e segurança. Rejeitar os facilitismos. Procurar ler tudo e mais alguma coisa, longe de protocolos prévios. Nem sempre os caminhos mais autorizados são os que mais aprendizagem nos trazem. É preciso ser metodicamente desconfiado, ter a paciência de regressar sempre ao ponto de partida e fazer, de cada vez inaugural, o caminho.. Leiam o *Discurso do Método* e as primeiras *Meditações Metafísicas* de Descartes. É uma grande escola de investigação. Não admira que tenha lançado a Filosofia Moderna.

Atendidas estas três recomendações, que são por si muito exigentes, acredito que qualquer que seja o corte formal no objecto material da Literatura Portuguesa, há-de propiciar uma investigação a um tempo lúcida e arriscada, que é o que se pretende.

PALIMPSESTO

7) Aproveitando o gancho da pergunta anterior, quais perspectivas a respeito da obra de Camilo Castelo Branco ainda precisam ser exploradas, segundo a senhora? Quais linhas de investigação a senhora indicaria para um(a) pesquisador(a) camiliano(a) iniciante?

TÂNIA FURTADO MOREIRA

Como referi antes, há imensos temas camilianos que estão na ordem do dia e aos quais os Cultural Studies, nas suas múltiplas variantes, se dedicam. Particularmente, não é o que mais me interessa estudar, mas entendo que haja esse interesse e, havendo, Camilo dá pano para mangas. Muito acusado de passadismo, Camilo tem na verdade uma

mundividência muito moderna. Assim haja vontade de descobrir o novo no sempre novo Camilo. E esse interesse e essa vontade devem ser motivados pelos estudiosos camilianos. Aqui no Brasil, há um excelente exemplo disso. Basta ver o efeito multiplicador gerado pela iniciativa do Professor Paulo Motta Oliveira, da Universidade de São Paulo.

Os Estudos Camilianistas têm um caminho já feito e muitos ainda por fazer. O problema da voz autoral na ficção camiliana continua, a meu ver, a precisar de ser pensado, relançado. É uma questão que atravessa os Estudos Camilianistas desde o princípio, solicitada pelo próprio objecto. Creio, aliás, que ela organiza os vários movimentos da crítica camilianista, que começa ainda em vida do escritor.

A primeira vaga de camilianistas produziu uma crítica de tipo biografista, psicologista e impressionista, muito à época, tendo contudo lançado sementes ainda hoje férteis. Estou a pensar, por exemplo, num Ricardo Guimarães e num Ramalho Ortigão, ou depois num Fialho de Almeida. Pode dizer-se que o marco desta primeira fase é a biografia de José Cardoso Vieira de Castro, publicada em 1861, com Camilo e Ana Plácido (a quem é dedicada) encerrados na cadeia da Relação do Porto. Não decerto pelo valor crítico — que é muito limitado —, mas pelo facto de ser a primeira biografia de um escritor profissional, escritor que traz para o seio da sua Obra esse tópico.

Em 1946, com a defesa da tese de doutoramento de Jacinto do Prado Coelho, inauguram-se os Estudos Camilianistas 2.0., concebidos a partir do *software* estruturalista e numa reacção declaradamente antibiografista. Contudo, quando, três décadas mais tarde, em 1981, Prado Coelho republica a *Introdução ao Estudo da Novela Camiliana* numa versão revista e aumentada, faz questão de acrescentar um capítulo final, intitulado «A Equação Biografia-Obra», onde repondera e modera o gesto antibiografista da primeira edição. Este reposicionamento foi acompanhado por Aníbal Pinto de Castro, que se dedicou à análise daquilo que designou por «processos de transfiguração poética».

No final da década de 1980, *Camilo e a Revolução Camiliana* de Abel Barros Baptista vem abrir um novo capítulo dos Estudos Camilianistas, trazendo para o terreno inquirições muito pertinentes na linha de Foucault e da Desconstrução. Aí, não apenas se debate as condições dos discursos e práticas da Literatura Camiliana, mas também as condições dos discursos e práticas dos Estudos Camilianistas. Infelizmente, esta versão não colheu significativos sucedâneos, nem da parte do próprio ensaísta, nem da parte de outros. Mas creio que é um ensaio fundamental até para se compreender os próprios movimentos internos da construção dialógica do nome de Camilo Castelo Branco no cânone.

Nas vésperas do bicentenário do nascimento, vivemos agora um momento de grande afluência de trabalhos de investigação que seria óptimo que representassem a versão 4.0. dos Estudos Camilianistas. Para isso é preciso algum arrojo, claro. Desde logo,

questionar a autoridade tida como inquestionável que é a tese de Jacinto do Prado Coelho. Nas Humanidades como nas Ciências físicas, a excessiva autoridade indicia um alarmante perigo. Ao arrepio desta tendência camilianista, nos Estudos Pessoaanos, a tese *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, não tendo deixado de ser uma referência, já foi devidamente comentada, criticada, revista, reposicionada. Para mim, é essa a missão do investigador. A subserviência não lhe cai bem. O seu trabalho consiste mais em dialogar com os outros, do que em herdar acriticamente. É o problema de circuitos demasiado fechados sobre o seu objecto de estudo. Encerrar Camilo numa bolha hermética tem-lhe feito muito mal. Os amantes tendem a ser míopes, por regra — ainda que haja excepções, claro, como a do José Régio, que, escreveu, quanto a mim, um dos melhores ensaios sobre o escritor: «Camilo, Romancista Português», de 1964.

Nesse sentido, parece-me que os melhores estudos podem vir de estudiosos fora do âmbito camilianista. Óscar Lopes é disso o exemplo maior. Assumindo a sua preferência por Eça de Queirós, desde logo por razões ideológicas, Óscar Lopes é um crítico-chave das profundas implicações que a Obra de Camilo tem para a História Literária não apenas do século XIX, mas sobretudo do período posterior, até mesmo aos nossos dias e aos que estão por vir. Entendo que os estudiosos deviam voltar-se para ele e lê-lo mais, com muita atenção. Temos a sorte de esse trabalho ter sido reunido num único volume, *Ensaaios Camilianos*, com a edição rigorosa de Luís Adriano Carlos, que escreve uma excelente introdução, cuja leitura recomendo muito. É um livro que é uma mina, estão ali muitas pistas para serem exploradas. Mas também, nos dias de hoje, penso, por exemplo, num vosso compatriota, o professor Daniel R. Bonomo, da Universidade Federal de Minas Gerais, que tem contribuído com trabalho de grande quilate para o estudo da obra de Camilo. A sua investigação sobre a ascendência camiliana no Modernismo brasileiro é um contributo inédito muito importante.

PALIMPSESTO

8) Para encerrarmos, gostaríamos de saber o que faz, segundo a sua opinião, Camilo Castelo Branco ser um autor diferente dos demais de seu tempo? Em tempo: quais são os fatores que a senhora acredita ser fundamentais para que Camilo ainda seja um autor estudado nos tempos atuais?

TÂNIA FURTADO MOREIRA

Jorge de Sena diz que Camilo é um dos grandes poetas da língua portuguesa, e com razão. A Literatura é a arte da palavra, e o romance pode ser o lugar mais vibrante da experimentação plástica do verbo. Isso é Camilo, escritor que tomou como pares os

melhores prosadores da Literatura Portuguesa. Quando lemos Camilo, ficamos agarrados à palavra, por isso digo que não se trata de uma adesão ao texto, mas de uma *aderência* mesmo. Camilo consegue galvanizar-nos com muita perícia. Perdemos o controlo às suas mãos. O certo é que, ao arrepio da questão sobre a estereotipia das personagens e sobre o esquematismo das intrigas — que, em 1879, foi alvo de polémica na sequência do livro da Princesa Rattazzi —, lemos Camilo movidos por uma incessante procura que coincide ao mesmo tempo com uma certa prática da negligência. E tudo isso está plasmado no ritmo, no fluxo pulsante e significante da linguagem verbal, na sua natureza semântico-rítmica, como diria Meschonnic.

O final de um romance camiliano engata no início de outro, cujo fim engata no início de outro. A busca ali prende-se com o conhecimento da natureza do homem. Camilo representa as paixões humanas de um modo que qualquer leitor, de ontem, de hoje ou de amanhã, se identifica. «Se, por virtude da metempsicose»... Camilo Castelo Branco reaparecer na sociedade do século XXIII, decerto se regozijará de ver que os leitores continuam a comover-se com o que escreveu.

Tânia Furtado Moreira: Tânia Furtado Moreira, PhD, é uma professora, pesquisadora e empreendedora portuguesa. Como professora e pesquisadora, seu trabalho envolve Literatura Portuguesa Moderna, Semiótica, Estética e Teoria Literária. Ela regularmente dá aulas e palestras, e publica artigos académicos sobre esses assuntos em conferências e universidades internacionais. Em 2022, lecionou Semiótica da Comunicação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde agora ministra um curso de Música e Literatura. Ela é fundadora e diretora criativa da Sema Higgs® (<http://semahiggs.com>), uma empresa de consultoria em semiótica onde ela conecta os mundos académico e corporativo de forma significativa, aplicando uma metodologia fenomenológica para ajudar clientes a moldar o futuro de empresas e instituições. Tânia é uma especialista reconhecida nas obras do grande escritor romântico português Camilo Castelo Branco. Entre 2015 e 2019, ela recebeu uma bolsa de doutorado da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Entre vários estudos, é autora de 'O Sublime em 'Amor de Perdição' de Camilo Castelo Branco' e de 'Literatura e Mal na Ficção de Camilo Castelo Branco'. Está agora preparando uma edição textual do romance 'O Que Fazem Mulheres' e escrevendo um livro sobre a linguagem literária deste romancista. É Investigadora Integrada no CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. É também cofundadora da Poetics of Selfhood – Sociedade Interdisciplinar de Estudos Biográficos e Narrativos; e é membro da American Portuguese Studies Association, da Portuguese Society of Rhetoric, da European Society for Textual Scholarship e da The International Association for Semiotic Studies — L'

Association Internationale de Sémiotique. E-mail: taniafurtadomoreira@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3831-4641>.

Bruna de Oliveira Sales: é doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (bolsista CAPES) e editora-chefe da *Palimpsesto* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. É mestre em Literatura Portuguesa pela mesma instituição e seus estudos são voltados para as questões de gênero presentes nos romances de Camilo Castelo Branco. Além disso, é especialista em Tradução de Italiano também pela UERJ. Tem graduação em Letras: Português/Italiano pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, período em que desenvolveu pesquisas na área de Linguística, voltando-se para a Análise do Discurso, e Literatura Portuguesa, tendo pesquisado cantigas trovadorescas e o período oitocentista. E-mail: b.oliveira2703@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1494-8487>.

Carla dos Santos e Silva Oliveira: graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (Faculdade da Cidade, 2012), e em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas – (UERJ, 2024). Mestra em Letras, com especialidade em Literatura Brasileira (UERJ/CAPES, 2022). Atualmente, é doutoranda na área de Estudos Literários (UERJ/CAPES), com pesquisa em torno das poéticas da contemporaneidade. Atuou como redatora, revisora e hoje é professora de Literatura no Pré-vestibular Social do Sindicato dos Trabalhadores das Universidades Públicas do Rio de Janeiro. Integrou o corpo curatorial da revista *garupa*, entre 2019 e 2022. Desde janeiro de 2023, integra o corpo editorial da *Revista Palimpsesto*, do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ. E-mail: carlaoliveiraletras@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4270-9686>.

Marina Otero Lemos Silva: mestranda em Literatura Portuguesa (UERJ), graduada em Letras – Língua Portuguesa e Francesa e respectivas literaturas (UERJ) e Biblioteconomia (Unirio). Editora de seção e revisora da Revista *Palimpsesto*. Atua como professora, revisora e preparadora. E-mail: marinaoterolemos@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6919-4305>.

Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães: mestre em Estudos de Literatura, especialidade Literatura Brasileira, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Supervisora editorial da Dialogarts e operacional das revistas *Abusões* e *Caderno Seminal*. Editora de seção da Revista *Palimpsesto*. Parte da equipe de revisão do

Dicionário Digital do Insólito Ficcional. E-mail: sakura.taty@gmail.com | ORCID:
<https://orcid.org/0000-0001-9821-2682>.